

Criticismo neotestamentário e os evangelhos enquanto fontes histórico-biográficas para construção de uma *Vita* de Jesus¹

Samuel Nunes dos Santos*

<http://lattes.cnpq.br/7943876432584921>

Resumo:

Grupos de críticos de diversas áreas do conhecimento (historiadores, filósofos, teólogos, etc.) expuseram suas argumentadas opiniões sobre o valor dos evangelhos como fonte histórica e de sua utilidade enquanto fonte biográfica para construção de uma *Vita* de Jesus. Por isso, a intenção deste artigo é apresentar algumas das idéias defendidas pelo criticismo neotestamentário desenvolvidas no sentido de analisar os evangelhos enquanto fonte histórico-biográfica.

Palavras-chaves: Criticismo – Evangelhos – Fonte histórica - Biografia – Jesus Histórico.

Abstract:

Many groups of scholars, belonging to several areas of knowledge (historians, philosophers, theologians, etc..), disclosed their tightly argued opinions on the value of the Gospels as historical sources and their usefulness as a biographical source for the construction of a *Vita* of Jesus. Therefore, the objective of this article is to present some of the ideas advocated by the New Testament criticism developed to analyze the Gospels as historical and biographical sources.

Key-words: Criticism – Gospels – Historical Source – Biography – Historical Jesus.

Unicamente os teólogos de profissão e outros historiógrafos interessados podem negar que os evangelhos e os Atos dos Apóstolos são recomposições tardias de escritos já desaparecidos nos quais não se descobre a menor base histórica (ENGELS, 1969: 50-51).

¹ O texto ora apresentado é uma atualização/adaptação do primeiro capítulo da monografia defendida no final de 2008.

* Mestrando em História pela UFG. Orientadora: Ana Teresa Marques Gonçalves. O título da pesquisa: A Identidade do Cristianismo Primitivo nas Obras de Justino de Roma.

O criticismo neotestamentário compreende um segmento do criticismo bíblico, onde um variado número de eruditos empregou as técnicas literárias para investigar os escritos do Novo Testamento. Tais técnicas, geralmente, buscavam analisar: a construção textual original, a data de composição, as fontes utilizadas, a autoria, entre outras. Tentavam assim, estabelecer o grau de autenticidade destes escritos e sua base histórica. (DOUGLAS, 1995: 354). Graças a esse criticismo os evangelhos foram alvos de várias discussões. Questões como autenticidade, veracidade, autoria, eram temas de debate desde os primórdios do cristianismo (EHRMAN, 2006: 62). No início do século III d.C. já havia declarações quanto à adulteração dos textos cristãos:

Alguns fiéis, como pessoas embriagadas que se agridem a si mesmas, manipularam o texto original do evangelho três ou quatro vezes, ou até mais, e o alteraram para poderem opor negações às críticas (ORÍGENES, Contra Celso, 2: 27).

As dificuldades advindas da necessidade freqüente de se fazer cópias dos manuscritos – pois, eram bastante frágeis, feitas geralmente de papiro, mas, também, de pergaminho² – fortalecia a preocupação quanto à validade delas. Porém, as questões levantadas à época ficavam apenas na superfície da discussão. Fazia-se necessário aprofundar um pouco mais nas pesquisas. Isso só começou a ocorrer no século XVIII, quando começaram a utilizar-se de algumas técnicas de outras disciplinas para analisar os evangelhos. Schweitzer já constata que Hermann Samuel Reimarus, em um de seus ensaios, publicados por Gotthold Ephraim Lessing entre 1.774 e 1.778, "*reconhece, também, que a solução do problema da vida de Jesus pede uma combinação dos métodos da crítica histórica e literária*" (SCHWEITZER, 2003, pp. 22, 34). Teorias e mais teorias foram sendo construídas a partir dessas análises. E a intenção deste artigo é apresentar o resultado daquelas que foram desenvolvidas com o intento de analisar os evangelhos enquanto fonte histórico-biográfica. Não deixando, também, de reconhecer as várias contribuições destas para a compreensão dos textos neotestamentários e os aspectos concernentes ao seu contexto histórico. Para tanto, dividimos este trabalho em três tópicos. No primeiro, desenvolvemos uma síntese da visão de Engels, por

² O papiro era uma planta cujo caule era utilizado na fabricação de um suporte para se escrever, parecido com o papel que temos atualmente. E o pergaminho, mais resistente que o papiro, era feito, geralmente, com pele de carneiro ou de ovelha. Devido a esse fator, era o material mais durável e, também, o mais caro. O que explica o maior uso do papiro naquela época. O pergaminho só passou a ser mais utilizado do que o papiro a partir do século IV d.C. Porém, com a invenção da imprensa no século XV d.C. o pergaminho desapareceu quase que definitivamente (PAROSCHI, 1999: 25-29).

intermédio de sua obra *O Cristianismo Primitivo*, na qual analisa as obras da crítica neotestamentária alemã, com a inclusão, pelo próprio Engels, da opinião de um erudito francês, Joseph-Ernest Renan; no segundo, um especialista em Novo Testamento, Donald A. Carlson sistematiza um outro grupo de críticos. Ele relaciona três escolas dentro da crítica neotestamentária. Nelas apresentarei as teorias contidas nas principais obras dos teóricos dessas escolas. Destas três, darei uma atenção especial aos Críticos da Forma. Ainda neste tópico verificar-se-á a preocupação demonstrada em relação aos problemas das fontes, tanto orais quanto escritas; e, por último, apresentamos algumas citações mais atuais, de renomados críticos contemporâneos que também trabalharam e trabalham com esse tema.

1. O criticismo na visão de Friedrich Engels

Engels informa que, até sua época, a crítica bíblica alemã foi a “única base científica” (ENGELS, 1969: 19) que se possuía sobre a história da origem do cristianismo, e que ela teve duas tendências. A primeira é representada pela escola de Tübingen, onde o seu maior representante é David Friedrich Strauss.

Strauss fora grandemente influenciado por Ferdinand Christian Baur, considerado o fundador da escola de Tübingen (MORA, 2000: 270), e por Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Ao primeiro, devia a crítica histórica aos escritos do Novo Testamento; ao segundo, a dialética aplicada aos evangelhos. A publicação de sua obra mais afamada, *Vida de Jesus*, rendeu-lhe o desprezo de seus colegas e o isolamento devido a sua visão extremamente crítica quanto aos escritos neotestamentários. Quatro pontos fundamentais podem ser observados no pensamento de Strauss (SCHWEITZER, 2003, pp. 99-107).

O primeiro ponto é a aplicação do conceito de mito³ aos evangelhos, já utilizado nos escritos vetero-testamentários. Para ele, a tradição de Jesus é um mito que representa, na dialética hegeliana, uma síntese das equivocadas concepções sobrenaturalistas (tese) e racionalistas (antítese). Para aqueles, os sinais miraculosos realizados por Jesus são, por si só, um fato; para estes, sempre havia uma explicação natural para esses sinais. Um exemplo típico pode ser tirado do livro de Schweitzer, ao comentar o posicionamento de Strauss:

A história da tentação é igualmente insatisfatória, seja interpretada como sobrenatural, ou como simbólica, seja de uma luta interior ou de eventos externos (como, por

³ Segundo Schweitzer para Strauss o mito “...nada mais é do que as ideias religiosas vestidas em uma forma histórica, modeladas pelo inconsciente poder inventivo da lenda, e corporificado numa personalidade histórica” (SCHWEITZER, 2003: 98).

exemplo, na interpretação de Venturini, onde a parte do Tentador é interpretada por um fariseu); é simplesmente lenda cristã primitiva, construída de sugestões do Antigo Testamento (SCHWEITZER, 2003: 101).

Schweitzer ainda comenta que, para Strauss:

Nas histórias antes do batismo, tudo é mito. As narrativas são tecidas no padrão de protótipos do Antigo Testamento, com modificações devidas a passagens messiânicas ou messianicamente interpretadas (SCHWEITZER, 2003: 100).

E: "Nós temos, portanto, nos Sinóticos diversas camadas de lenda e narrativa, que em alguns casos se cruzam e em alguns casos sobrepõe-se umas às outras" (SCHWEITZER, 2003: 101). Na visão de Strauss essas criações a-históricas por parte dos discípulos foram feitas de forma inconsciente, não intencional, fruto de uma imaginação revestida de mito.

O segundo ponto central é que, para ele, o cerne da fé cristã é alcançado através do "indivíduo histórico Jesus", pois neste "realiza-se a ideia da humanidade de Deus" (THEISSEN, 2002: 22).

O terceiro é a sua opinião sobre o valor histórico do Evangelho atribuído ao apóstolo João. Segundo ele, este evangelho possui menor valor histórico que os demais. Uma paráfrase do pensamento de Strauss existente no livro de Schweitzer esclarece bem esse ponto.

A questão está decidida. O Evangelho de João é inferior aos Sinóticos como fonte histórica exatamente na proporção em que ele é mais fortemente dominado do que aqueles pelos interesses teológicos e apologéticos (SCHWEITZER, 2003: 107).

O quarto e último ponto é que, para ele, os evangelhos não foram escritos por testemunhas oculares, mas são recompilações de outros escritos, e que no máximo apenas quatro epístolas de Paulo são autênticas (ENGELS, 1969: 19).

Segundo Engels, foi graças à influência metodológica dessa escola que um erudito francês, Joseph-Ernest Renan, procurou apresentar uma lista maior de escritos autênticos (ENGELS, 1969: 19). Ele buscou detectar, nos evangelhos, um maior número de passagens que pudessem ser classificadas como históricas. Sua

“complicada” metodologia, com pretensões de cientificidade, pode ser bem explicitada no fragmento abaixo:

Na minha opinião, o melhor é ficar o mais próximo possível dos relatos originais, descartando todas as impossibilidades, semeando por todo lado os sinais de dúvida e apresentando como conjecturas as diversas formas do que pode ter acontecido. (RENAN, 2000: 31).

O grande problema era “ficar o mais próximo possível dos relatos originais”. Até que ponto isso poderia ser feito, já que não existem os documentos originais, aqueles produzidos no século I ou II d.C., não se sabe ao certo.

Ele se considerava um crítico comedido, pois, apesar de se utilizar, em sua opinião, do método científico, acreditava que havia certa historicidade nos evangelhos. Defende-se daqueles que o rotulavam de ateu racionalista:

Longe de ser acusado de ceticismo, devo ser colocado entre os críticos moderados, já que, em vez de rejeitar em bloco os documentos enfraquecidos por tanta mistura, tento tirar deles algo de histórico por meio de delicadas aproximações. (RENAN, 2000: 21).

Uma questão chave era o seu pensamento em relação aos milagres. Era totalmente cético. Nisso, se defendia tentando mostrar que não estava simplesmente fazendo uma crítica aos escritos evangélicos como se fosse um inimigo deles. Tudo o que contivesse algo de sobrenatural, fossem textos de qualquer religião, qualquer uma, não dava a menor credibilidade. Não era nada pessoal sua crítica quanto aos milagres nos evangelhos. Dizia ele:

Creio que nenhum relato sobrenatural seja estritamente verdadeiro; penso que, em cem relatos sobrenaturais, existam oitenta que nasceram da imaginação popular; entretanto admito que, em casos mais raros, a lenda vem de um fato real transformado pela imaginação. (RENAN, 2000: 33).

E argumentava, dizendo: “rejeitamos o sobrenatural pela mesma razão que rejeitamos a existência de centauros e hipogrifos: é que nunca o vimos”

(RENAN, 2000: 21). O que não se baseasse numa experiência empírica era descartado como sendo falso, um conto, uma fábula. O milagre pertence ao campo do sobrenatural. Disto, os evangelhos estavam cheios. Continua: "*É porque eles (os evangelistas) contam milagres que eu digo: 'Os evangelhos são lendas; eles podem conter histórias, mas certamente nem tudo ali é histórico'*" (RENAN, 2000: 21).

Todo seu discurso de objetividade, fruto da *Aufklärung*, o permitia dividir os terrenos do historiador e o do teólogo. O primeiro, segundo ele, se preocupa com "*a arte e a verdade*"; o segundo, com "*seu dogma*" (RENAN, 2000: 24). Assim, ele se auto-identificava com o historiador, buscando a verdade em meio à "*tanta mistura*" (RENAN, 2000: 21).

Entende-se, assim, que o objetivo da análise crítica feita pela escola de Tübingen era determinar o que poderia ser considerado realmente histórico ou não dentro do Novo Testamento.

A segunda tendência tem sua representação não numa escola, mas na obra de Bruno Bauer (1809-1882). Extremista, para ele "*o cristianismo em si só aparece sob os Imperadores Flávios e a literatura do Novo Testamento sob Adriano, Antônio (sic) e Marco Antônio (sic)*"⁴ (BAUER, apud: ENGELS, 1969: 21). Para Bauer, todos os eventos históricos das narrativas do Novo Testamento sobre Jesus e os discípulos se configuram como meras lendas, e todas as pessoas envolvidas nos relatos seriam criações mais ou menos fictícias. Dizia ele: "*Nem Galiléia, nem Jerusalém serão... os lugares em que nasceu a nova religião, senão Alexandria e Roma.*"⁵ (BAUER, apud: ENGELS, 1969: 21). O cristianismo não passa de uma criação da imaginação de um grupo de judeus que viveram no final do primeiro século, e que só escreveram suas ideias na primeira metade do segundo. Chegou a criticar o pensamento de Strauss, pois, em sua opinião, este não era verdadeiramente radical (MORA, 2000: 269).

Engels parece se situar no meio termo entre a escola de Tübingen e Bauer. Para ele, a verdade se encontra entre as duas tendências. Não aceitava o extremismo deste, mas, também, não considerava que havia muitos escritos aos quais se poderia atribuir historicidade. Afirmava que o único livro que oferecia uma data de redação mais precisa, e que explicaria melhor as origens do cristianismo, ou seja, que melhor serviria como fonte para estudar o cristianismo primitivo, seria o livro do Apocalipse, atribuído, mais tradicionalmente, ao apóstolo João.

⁴ Os nomes corretos são: Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio. Provável equívoco de tradução ou do autor.

⁵ A posição geográfica determinava, deste modo, a temporal. Dizer que Alexandria e Roma foram os berços do cristianismo, representava dizer que a religião cristã só foi constituída no final do século I para início do II d.C. quando essas cidades representavam alguns dos centros do cristianismo (BAUER, apud: ENGELS, 1969: 21).

Logo, no Novo Testamento não há mais do que um livro em que se possa fixar, com alguns meses de diferença, a data de sua redação. Este livro devia ter sido escrito em junho do ano de 67 e em janeiro ou abril de 68. Portanto pertence aos primeiros tempos do cristianismo e reflete as noções da época com segurança mais ingênua e numa linguagem apropriada. Em minha opinião, este livro é o mais adequado para determinar o que foi realmente o cristianismo primitivo do que todo o resto do Novo Testamento, escrito com maior posteridade. Este livro é chamado 'Apocalipse' de São João" (ENGELS, 1969: 22).

Em sua opinião, os demais livros, e isso inclui os evangelhos, não possuíam qualquer valor histórico (ENGELS, 1969: 50-51).

Em suma, o que se percebe é que a análise da crítica alemã quanto aos evangelhos aponta-os como não tendo muita base histórica. Apesar de certa autenticidade atribuída a alguns livros do Novo Testamento, não há neles muita utilidade enquanto fonte histórica, pois possuem inclinação meramente teológica/mitológica.

2. O criticismo na visão de Donald A. Carlson

O professor norte-americano de Novo Testamento, Donald A. Carlson desenvolve uma divisão diferente da apresentada acima. Divide a crítica aos evangelhos em três escolas: a primeira, intitulada de Crítica das Fontes, foca a sua análise no estudo das fontes utilizadas pelos evangelistas; a segunda, a Crítica da Redação (*Redaktionsgeschichte*, traduzido também por História da Redação), analisa a etapa final de composição dos evangelhos; e, por último, a Crítica da Forma (*Formgeschichte*, traduzido também por História da Forma), que trabalha a etapa das tradições orais (CARLSON, 2006: 21). Trataremos das três separadamente, porém, com ênfase maior nesta última devido a sua investigação quanto à forma dos evangelhos e as suas afirmações/alegações quanto ao valor histórico destes.

2.1. Crítica das Fontes

Grande parte da discussão da Crítica das Fontes girava em torno das seguintes perguntas: Quais foram as fontes escritas utilizadas pelos evangelistas na

composição dos evangelhos? Qual foi o primeiro evangelho a ser escrito? O primeiro evangelho serviu de fonte para os demais? De que modo? Várias teorias foram formuladas. Tais teorias se formaram com base nas análises feitas a partir dos quatro evangelhos e de algumas citações dos Pais da Igreja.

Determinar qual dos evangelhos fora o primeiro a ser escrito tornara-se uma questão crucial. Era facilmente observável que alguns fragmentos que se encontravam em um Evangelho estavam presentes também em alguns dos demais, senão em todos os outros. Às vezes, com leves alterações. A comparação analítica dos evangelhos levou a algumas conclusões (CARLSON, 2006: 19):

- Os três primeiros, atribuídos a Mateus, Marcos e Lucas, possuem várias passagens idênticas ou, pelo menos, bem semelhantes. Devido a esse fator, eram chamados de sinóticos. A correlação entre eles e o estudo de suas variações convencionou-se chamar de "*O Problema Sinótico*";
- O quarto Evangelho, atribuído ao apóstolo João, possuía um desenvolvimento totalmente diferente dos demais.

Reconhecia-se que o quarto Evangelho era o mais novo, escrito por volta do ano 100 d.C., ou seja, afastado dos acontecimentos que descreve em pelo menos uns 70 anos. O que, somado ao caráter extremamente teológico, comprometia a historicidade dele. O que faltava era identificar qual dos evangelhos Sinóticos foi o mais antigo e, conseqüentemente, se foi utilizado pelos demais, e como.

Era óbvio também que os evangelistas se utilizaram de outras fontes escritas e até mesmo orais. No primeiro caso, era difícil determinar já que não se possuíam essas outras fontes, exceto pela identificação de um outro documento verificado dentro dos próprios evangelhos Sinóticos, mas isso será tratado mais à frente. Quanto ao segundo caso, foi melhor trabalhado pela Crítica da Forma, a qual veremos num item à parte. Carlson enumera quatro soluções principais para o problema sinótico (CARLSON, 1997: 31-36):

1) Dependência comum a um evangelho original

Proposta por Gotthold Ephraim Lessing. Segundo esse crítico a semelhança existente nos três primeiros evangelhos pode ter sido oriunda da

utilização de um "*Proto-evangelho*", que fora escrito em hebraico ou aramaico⁶ (LESSING, apud: CARLSON, 2006: 31). O exegeta Xavier Leon-Dufour aponta esse primeiro evangelho como sendo o Evangelho de Mateus escrito primeiramente em aramaico, e acrescenta uma dependência à tradição oral (LEON-DUFOUR, apud: CARLSON, 2006: 31).

2) Dependência comum de fontes orais

O filósofo e crítico literário alemão Johann Gottfried Herder (1744-1803) propunha que os evangelistas utilizaram um "*sumário oral relativamente fixo da vida de Cristo*" (HERDER, apud: CARLSON, 1997: 31).

3) Dependência comum de um número cada vez maior de fragmentos escritos

Para Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) existiam na Igreja primitiva vários fragmentos de tradição evangélica que foram inseridos nos evangelhos (SCHLEIERMACHER, apud: CARLSON, 2006, 31-32). Um desses poderia ter sido os "*logia*" do qual Eusébio fala em sua *História Eclesiástica* ao citar um relato de Papias: "*Mateus compôs sua história em dialeto hebraico*⁷ e cada um traduzia segundo a capacidade" (EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, 2: 39).

4) Interdependência - A mais aceita atualmente é a hipótese de interdependência. Não nega que os Evangelistas se utilizaram de outras fontes, porém, essa teoria sugere que dois evangelistas elaboraram seus evangelhos a partir de um ou mais evangelhos. Carlson ainda subdivide essa proposta em três (CARLSON, 1997: 34-35):

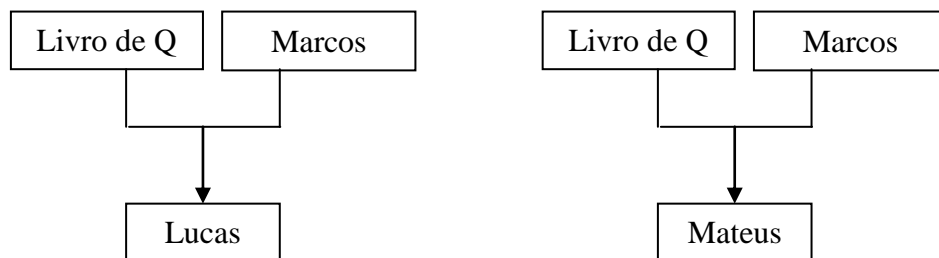
4.1) Proposta Agostiniana - Defendida por Santo Agostinho, bispo de Hipona. Acreditava que o Evangelho atribuído ao apóstolo Mateus tinha sido o primeiro, e que fora escrito em aramaico (SANTO AGOSTINHO, apud: CARLSON, 1997: 34).

4.2) A hipótese dos "*Dois Evangelhos*" - Johann J. Griesbach aceitava a teoria de que Mateus foi o primeiro evangelho a ser escrito, e advogava que Lucas tinha sido o segundo, e que Marcos utilizou-se tanto de um como do outro (JOHANN J. GRIESBACH, apud: CARLSON, 1997: 34).

⁶ Provavelmente o idioma mais falado pelos judeus do primeiro século, e certamente era o mais, se não o único utilizado por Jesus (MEIER, 1992: 262; Ver também VERMES, 2006: 52).

⁷ Muitos críticos entendem que, na verdade, Papias estava se referindo ao idioma aramaico. (cf. nota acima, e nota de fim da *História Eclesiástica* de Eusébio, página 116).

4.3) A hipótese das "*Duas Fontes*" - Em 1830, Karl Lachmann observou que várias passagens em Mateus e em Lucas não constavam em Marcos; e que os pontos coincidentes entre Mateus e Lucas só existem quando seguem Marcos. Outro resultado importante de sua análise é que as passagens de Mateus que não se apresentavam em Marcos possuíam o estilo de "*sentenças*" (KARL LACHMANN, apud: CARLSON, 1997: 35; KARL LACHMAN, apud: MACK, 1994: 25). Christian Wilke, em 1938, além de concordar com a teoria de Lachmann, defendia que Marcos foi o primeiro a ser escrito (CHRISTIAN WILKE, apud: CARLSON, 1997: 35; KARL LACHMAN, apud: MACK, 1994: 25). E no mesmo ano, Christian H. Weisse propôs "*a hipótese das duas fontes*", ou seja, segundo ele, Mateus e Lucas utilizaram-se tanto de Marcos quanto de um outro documento que possuía as sentenças de Jesus, convencionado posteriormente como Q (CHRISTIAN H. WEISSE, apud: CARLSON, 1997: 35; KARL LACHMAN, apud: MACK, 1994: 25). Quanto a esse documento, faremos uma breve explicação à parte. Nos diagramas abaixo observa-se a representação dessa teoria:



Os diagramas acima servem para entender a teoria das duas fontes. É importante, neste momento, esclarecermos melhor o que é Q.

2.1.1. O Livro de Q

F. F. Bruce esclarece-nos a razão pela qual este documento é designado pela letra Q. Diz ele:

Este documento assim postulado foi chamado Q independentemente, embora quase que simultaneamente, por dois eruditos no começo deste século. Na Alemanha, Julius Welhausen o denominou de Q porque essa é a inicial da palavra alemã QUELLE, que significa 'Fonte'; em Cambridge, J. Armitage Robinson, que designara a fonte de que procedia o material sinótico registrado por Marcos como P (a inicial de Pedro, cuja autoridade cria ele subjazer ao

Evangelho de Marcos), achou mais natural designar esta segunda fonte pela letra imediata, Q. (BRUCE, 1990: 50)

O primeiro a afirmar a existência de uma coletânea de ditos de Jesus como fonte para a produção dos evangelhos foi Schleiermacher. Porém, somente em 1863 é que H. J. Holtzmann lançou uma monografia onde utilizou-se da ideia da existência de uma “*Sentença de Jesus*”, e concluiu que era totalmente provável a existência deste documento⁸ (HOLTZMANN, apud: CARLSON, 1997: 39; HOLTZMANN, apud: MACK, 1994: 25).

Em 1907, Bernard Weiss, provou que Lucas havia se utilizado dessas sentenças. Porém, provavelmente o evento mais importante na testificação da existência dessas sentenças tenha sido a obra *As Sentenças de Jesus*, publicado no mesmo ano, por Adolf von Harnack, historiador do cristianismo primitivo. Nela, ele retirou as passagens que continham milagres e aspectos mitológicos, deixando apenas as sentenças (ver MACK, 1994: 26).

Segundo Burton L. Mack, o crítico textual Siegfried Schulz:

Organizou uma edição sinóptica dos textos paralelos de Mateus e Lucas, em tradução alemã. Teria sido um grande progresso, não fosse por um senão: Schulz cometeu o erro de organizar o material por temas, desprezando tanto a ordem usada por Mateus quanto a de Lucas. Polag apresentou em seguida uma reconstrução da fonte Q, publicada num estudo de Ivan Havener (1987) sobre as sentenças. John Kloppenborg publicou em 1988 uma edição das Paralelas de Q em grego, seguindo a ordem de Lucas, com blocos numerados, uma tradução para o inglês, um conjunto de observações sobre leituras variantes, paralelas por sentenças de outros exemplares de literatura cristã primitiva e uma concordância grega. (MACK, 1994: 31, 32).

A importância atual desse documento revela-se nas informações transmitidas por Mack quando diz que “*As Paralelas de Kloppenborg*” são utilizadas como referência para se estudar Q nos Estados Unidos e que uma obra mais sistematizada de Q está sendo organizada “*pelo International Q Project, da*

⁸ Interessante notar que o historiador Geza Vermes não acredita muito nessa hipótese. Segundo ele: “*As correspondências entre Mateus e Lucas poderiam ser atribuídas ao fato de ambos usarem e reeditarem o material do outro, e concluírem a revisão com algumas tradições adicionais transmitidas oralmente em suas respectivas comunidades*” (VERMES, 2006: 180-181).

Sociedade de Literatura Bíblica, sob a direção de James Robinson, no Instituto de Antiguidade e Cristianismo, em Claremont” (MACK, 1994: 32). O próprio Mack propõe um Livro Q em seu livro (MACK, 1994: 71-100).

2.2. Crítica da Redação

A crítica da Redação centra o seu trabalho mais nos evangelistas do que nos evangelhos em si. Carlson explica que “*A crítica da redação procura descrever os objetivos teológicos dos evangelistas ao analisar a maneira como empregam suas fontes*” (CARLSON, 1997: 44).

Para esses críticos, diferentemente da opinião dos críticos de forma, era necessário reconhecer o trabalho autoral dos evangelistas. As maneiras como eles se utilizavam das fontes e das tradições, tendo como aparato a sua própria teologia, acabou por originar grandiosas obras literárias, ou seja, a formação dos evangelhos não depende simplesmente de fontes e tradições, mas, também, da subjetividade de cada evangelista.

Segundo Carlson, o método da crítica da redação possui cinco elementos básicos (CARLSON, 1997: 44-46):

1) Distinção entre tradição e redação:

Tradição é todo material (fontes escritas ou orais) que os evangelistas possuíam no momento em que escreviam os evangelhos; ou seja, todas as fontes que tinham à mão. Enquanto redação é o processo de modificação da tradição no ato da escrita. Era o momento em que as escolhas do autor davam “forma” aos evangelhos.

2) Atividades redacionais:

- a) Os dados que o evangelista escolheu incluir e excluir;
- b) A disposição dos dados;
- c) As “costuras” que o evangelista utilizou para juntar suas tradições;
- d) Acréscimos aos dados;
- e) Omissão de dados;
- f) Alteração no fraseado.

3) Procura de padrões de variação textual.

4) Elaboração do contexto para elaboração do evangelho.

5) Exame das características literárias e teológicas dos evangelhos.

2.3. Crítica da Forma

De todas as escolas acima descritas, a Crítica da Forma pode se caracterizar como a mais proeminente em termos de volume de trabalhos da erudição e, também, foi a que mais se revelou contra uma historicidade dos evangelhos. Carlson diz que:

O ceticismo histórico, que caracteriza muitos dos mais proeminentes críticos da forma, deu à própria crítica da forma a fama de atacar a historicidade dos evangelhos.
(CARLSON, 1997: 25).

Bob E. Patterson, em um artigo intitulado *A Influência do Criticismo de Forma Sobre a Cristologia*, inserido como um capítulo à parte no final do livro *Evidências que Exige um Veredito*, de Josh McDowell diz que a Crítica da Forma começara sua pesquisa dentro dos escritos do Antigo Testamento, com Hermann Gunkel (PATTERSON, apud: MCDOWELL, 2001: 530-534). Porém, a partir de 1919, começa a se desenvolver uma crítica de forma direcionada à análise das formas do Novo Testamento, mais particularmente, os evangelhos. Essa corrente teve como principais expoentes Karl Ludwig Schmidt, Martin Dibelius, Vicent Taylor e, o mais proeminente deles, Karl Rudolf Bultmann, cujas ideias apresentaremos adiante. Os dois primeiros e o último são eruditos alemães, e o terceiro, britânico.

A Crítica da Forma, em sua acepção dentro da análise do Novo Testamento, pode ser definida como um método crítico que procura investigar as formas originais dos evangelhos no momento anterior ao período em que se iniciou o registro destes. Ou seja, ela busca as formas literárias dos evangelhos à época em que estes não se apresentavam ainda em sua forma escrita, mas oral. Período que deve ter durado, segundo esses críticos, no mínimo vinte e cinco anos. (MCDOWELL, 2001: 271).

Suas principais características são (MCDOWELL, 2001: 265-411):

- Defendiam a ideia de que os evangelistas não tiveram qualquer interesse biográfico, o que, conseqüentemente, revela que os evangelhos não são úteis para a reconstrução de uma biografia de Jesus;
- Os evangelhos não possuem valor histórico;

- Os evangelhos são estruturados em perícopes⁹;
- A afirmação da existência de um *Sitz im Leben*¹⁰, ou seja, as circunstâncias vivenciadas pela comunidade primitiva criavam a necessidade de adaptar a mensagem de Jesus;
- Os evangelistas não foram autores e sim editores.

Todas as características acima estão interligadas. Podemos entender todas elas da seguinte forma: as situações pelas quais a Igreja Primitiva passava (*Sitz im Leben*) faziam com que eles reformulassem as mensagens de Jesus. Assim, essas mensagens eram construídas em pequenas unidades (perícopes), pois, um texto fracionado não possui nem uma construção cronológica necessária, nem uma delineação psicológica da pessoa de Jesus, evidenciando, deste modo, que não houve interesse biográfico, e que não se constitui num texto histórico.

2.3.1 Os Críticos da Forma

A. Karl Ludwig Schmidt

Sua obra *Der Rahmen Der Geschichte Jesu: Literarkritische Untersuchungen zur ältesten Jesusüberlieferung*¹¹, editada em 1919, inaugura a Crítica da Forma do Novo Testamento. Schmidt, como um bom crítico de forma, afirma os dois pontos básicos da *Formgeschichte*: a inexistência de uma narração de teor biográfico nos evangelhos e a sua estruturação em perícopes. Em sua opinião:

Somente mui ocasionalmente, e partindo de considerações acerca do caráter interno de um relato, podemos fixá-las de maneira mais ou menos precisa, no tocante às questões de tempo e lugar. Porém, como um todo, não há qualquer narrativa sobre a vida de Jesus, no sentido biográfico, como

⁹ Perícopes “são pequenos fragmentos de tradições individuais, antes espalhados, e que embora completos em si mesmos, foram recolhidos, pelos escritores sinóticos para a formação dos Evangelhos” (MCDOWELL, 2001: 289).

¹⁰ Literalmente: situação de vida, em relação à vida da comunidade da Igreja Primitiva. Toda vez que a comunidade passava por uma situação difícil ela adaptava a mensagem cristã para atender àquela necessidade. Assim, segundo essa premissa, os Evangelhos são produtos destas circunstâncias, o que fragilizaria ainda mais o valor histórico destes. (v. MCDOWELL, 2001: 271).

¹¹ Ainda não foi traduzida para nenhum outro idioma. A tradução do título é: *O Quadro da História de Jesus: Investigações Críticas Literárias das Mais Antigas Tradições de Jesus*. Lembramos, em oportuno, que toda tradução de texto estrangeiro é nossa.

também não há qualquer esboço cronológico da história de Jesus, mas tão-somente histórias simples, perícopes, que foram postas dentro de um arcabouço (SCHMIDT, 1919, apud: MCDOWELL, 2001: 304).

Entre as obras de Schmidt sobre o tema ainda encontram-se *Der geschichtliche Wert des lukanischen Aufrisses der Geschichte Jesu. Tradition und Komposition im Lukas-Evangelium* (O Valor Histórico da Projeção Lucana da História de Jesus. Tradição e Composição no Evangelho de Lucas); *Die Pfingsterzählung und das Pfingstereignis* (A história do Pentecostes e do evento de Pentecostes); *Eschatologie und Mystik im Urchristentum* (Escatologia e Misticismo no Cristianismo Primitivo); *Die Stellung der Evangelien in der allgemeinen Literaturgeschichte* (A Posição dos Evangelhos na História da Literatura Geral); *Neues Testament - Judentum - Kirche* (Novo Testamento - Judaísmo - Igreja); *Zur Formgeschichte des Evangeliums* (Para uma Crítica da Forma dos Evangelhos), entre outras.

B. Martin Dibelius

Suas principais obras são: *From Tradition to Gospel* (Da Tradição ao Evangelho); *A Fresh Approach to the New Testament and Early Christian Literature* (Uma Nova Abordagem para o Novo Testamento e a Literatura Cristã Antiga); *Gospel Criticism and Christology* (Crítica Evangélica e Cristologia); *Jesus* (Jesus); *Paul* (Paulo).

Dibelius é o primeiro a utilizar o termo *Formgeschichte*. Em sua opinião, os evangelistas foram mais editores/compiladores do que autores dos evangelhos. Sobre o trabalho deles, explica: *"acima de tudo, seus labores consistiram em manusear, agrupar e elaborar o material que chegara às suas mãos"* (DIBELIUS, 1935, apud: MCDOWELL, 2001: 278).

A narrativa da *"paixão de Cristo"* é a única parte dos evangelhos que Dibelius considerava como pertencente ao Jesus Histórico. Mesmo assim o que os evangelistas queriam com essa narrativa era revelar o propósito divino, e não uma confirmação histórica.

Dibelius deixa claro que:

Quando... acompanhamos as tradições de volta ao seu estágio inicial, não encontramos quaisquer descrições sobre a vida de Jesus, mas apenas breves parágrafos ou perícopes

separados. Essa é a hipótese fundamental do método utilizado pela Crítica de Forma (Formgeschichtliche Methode), do qual estou falando aqui como representante (DIBELIUS, 1935, apud: MCDOWELL, 2001: 304).

Mais especificamente sobre a orientação biográfica dos evangelhos, afirma:

No período mais recuado não havia qualquer narrativa contínua da vida de Jesus, ou, pelo menos, de Sua obra, isto é, uma narrativa comparável a uma biografia literária ou à vida lendária de algum santo. As histórias contidas nos evangelhos sinóticos, cujas categorias essenciais procurei descrever, a princípio foram transmitidas isoladamente, como histórias independentes. As tradições desdobradas, contidas nos evangelhos, poderiam ser tidas como paradigmas, como contos ou como lendas, mas não como uma descrição abrangente da obra de Jesus (DIBELIUS, 1935, apud: MCDOWELL, 2001: 304-305).

Novamente sobre as perícopes, declara:

Os evangelistas aproveitaram-se de um material que já possuía forma própria. Eles juntaram alguns parágrafos, os quais, antes mesmo disso, já tinham um certo caráter de inteireza independente (DIBELIUS, 1935, apud: MCDOWELL, 2001, p 305).

Em suma, os evangelhos são uma "colcha de retalhos", não possui uma narrativa fluída, mas, uma formatação quebrada com várias ditos e contos separados que foram transmitidos de forma isolada.

C. Karl Rudolf Bultmann

As principais obras de Bultmann são: *The History of the Synoptic Tradition* (A História da Tradição Sinóptica); *Jesus and the Word* (Jesus e a Palavra); *Theology of the New Testament* (Teologia do Novo Testamento); *Jesus Christ and Mythology* (Jesus Cristo e Mitologia); *Jesus* (Jesus). Ele é considerado o

mais importante representante da Crítica da Forma. Suas opiniões quanto ao trabalho dos evangelistas e a estrutura dos evangelhos são as mesmas expressadas por Dibelius. McDowell cita:

vê-se claramente que a tradição original compunha-se quase inteiramente de breves unidades isoladas (declarações ou narrativas curtas), e que quase todas as referências a tempo e lugar, que servem para ligar as seções isoladas para formarem um contexto maior, são obra editorial dos evangelistas (grifos nossos). (BULTMANN, 1962, apud: MCDOWELL, 2001: 305).

Bultmann definiu melhor o que seria a metodologia dos críticos de forma: começa com a análise dos vários estágios da tradição nos evangelhos Sinóticos; depois, procura-se discernir o que pertence à tradição e o que faz parte do trabalho de edição dos evangelistas. A respeito disso, diz Bultmann que, após se verificar...

...os diferentes estágios da tradição sinóptica, distinguindo os mais antigos dos mais recentes, sua tarefa mais urgente consiste em fazer uma distinção crítica entre as tradições e a redação editorial nos evangelhos sinóticos (BULTMANN, 1926, apud: MCDOWELL, 2001: 305).

Bultmann reconhecia as dificuldades enfrentadas pelo método que ele utilizava. E uma delas era:

Localizar historicamente as perícopes, atribuindo-as a algum lugar definido, dentro da vida de Jesus, vinculando-as às Suas declarações, que haviam sido coligidas sem qualquer alusão ao lugar ou ao tempo em que elas foram feitas (BULTMANN, 1934, apud: MCDOWELL, 2001: 305).

Ele afirma ainda que "*Quase nada podemos saber sobre a vida e a personalidade de Jesus, pois as fontes cristãs primitivas não mostram interesse por nenhuma delas*" (BULTMANN, 2005: 26).

D. Vincent Taylor

Suas principais obras são: *The Formation of the Gospel Tradition* (A Formação da Tradição Evangélica); *The Gospels, A Short Introduction* (Os Evangelhos, Uma Pequena Introdução); *Modern Issues in Biblical Studies* (Ensaio Modernos nos Estudos Bíblicos); *Second Thoughts – Formgeschichte* (Segunda Opinião – *Formgeschichte*); *State of New Testament Studies Today* (Situação Atual dos Estudos do Novo Testamento).

Taylor é um crítico de forma mais contemporâneo, de origem britânica. Segundo McDowell, ele pode ser considerado um crítico de forma moderado (MCDOWELL, 2001: 276), pois, "*não exibe o ceticismo histórico de Bultmann*" (MCDOWELL, 2001: 282). Porém, ele sustenta algumas das principais declarações dessa escola:

Quanto às perícopes e o *Sitz im Leben*, diz:

Desde o começo, pois, as declarações isoladas devem ter sido correntes dentro da tradição cristã. O que Jesus dissera, era lembrado; mas onde alguma declaração foi feita, e sob quais circunstâncias eram pontos menos facilmente recordados, devido a circunstâncias menos dramáticas do que no caso das declarações associadas às histórias de pronunciamento (TAYLOR, 1935, apud: MCDOWELL, 2001: 306).

Defende, também, que os evangelistas não tiveram interesse em construir uma história da vida Jesus, argumentando que a estrutura dos evangelhos é feita a partir de perícopes, e que isto não permite revelar qualquer interesse por traços psicológicos do Mestre. Segundo ele, o material das tradições orais...

...não foi dirigido e sustentado por algum interesse biográfico, em razão do que de pronto começo a perecer, mediante um inevitável processo de atrito. Os interesses práticos pareciam mais importantes, e esse foi o motivo pelo qual, dentro de cerca de uma década, as tradições dos evangelhos vieram a consistir, principalmente, de uma coletânea de história isoladas, de declarações e de grupos de declarações (TAYLOR, 1935, apud: MCDOWELL, 2001: 306).

E, ainda:

Ficou demonstrado que, em sua maior parte, as histórias são unidades auto-contidas. Isso, novamente, é uma característica das tradições orais, as quais, via de regra, contentam-se em registrar incidentes isolados e não seqüências de acontecimentos (TAYLOR, 1935, apud: MCDOWELL, 2001: 306).

Para Taylor, a comunidade primitiva se centrou muito mais na mensagem sobre a paixão de Cristo. Nela, o *Sitz im Leben* revigorava-se mais e mais. Sobre isso, ele diz que:

A situação na qual se encontrava a comunidade primitiva exigia uma contínua história da paixão. Quase desde o começo, os seguidores de Jesus viram-se diante de uma séria dificuldade; tanto para si mesmos como para outros, era necessário que pudessem mostrar como um Messias crucificado podia ser o assunto central de uma mensagem de salvação. Os cristãos primitivos não demoraram muito a descobrir que tal mensagem era 'escândalo para os judeus, loucura para os gentios' (I Cor. 1.23). Argumentos extraídos das profecias do Antigo Testamento não eram suficientes para enfrentar a dificuldade; esses argumentos faziam ainda mais necessário relatar a história da Cruz, e contá-la por inteiro... Foi mister contar uma história completa, sobretudo porque somente a narrativa da sucessão da paixão e da páscoa é capaz de dar solução ao paradoxo da cruz, somente a combinação desses dois eventos satisfaz a necessidade de interpretação, somente a conexão entre esses incidentes individuais pode dar resposta à questão da culpa (TAYLOR, 1935, apud: MCDOWELL, 2001: 306).

Assim, para Taylor toda construção textual dos evangelhos centrava-se na história da paixão de Cristo, a "*história da Cruz*", onde seus eventos principais: a paixão e a páscoa eram a solução para a "*questão da culpa*".

3. A crítica contemporânea

É interessante notar que estudiosos mais recentes não compartilham da mesma visão crítica da *Formgeschichte*. Houve divergências anteriormente, mas geralmente de teólogos interessados em salvar o seu discurso ortodoxo. Atualmente alguns críticos judeus¹², também pensam nos evangelhos como boas fontes histórico-biográficas. Mas, dentre os grupos de teólogos modernos, há aqueles que pensam como os críticos de Forma. Alguns deles, como é caso de John Dominic Crossan e John P. Meier, por exemplo, que são tidos como referências para o estudo do megatema *A Busca Pelo Jesus Histórico* (CORNELLI, 2006:22), não vêem nos evangelhos aspecto histórico ou biográfico. Crossan afirma que:

Os evangelhos não são nem histórias nem biografias, mesmo dentro das antigas tolerâncias para esses gêneros. Cada um é o que foi por fim chamado – um Evangelho ou Boas Novas (CROSSAN, 1995: 17).

A professora de teologia da PUC-Rio, Maria Clara Lucchetti Bingemer, também entende que:

Os evangelhos não são biografia, nem o Novo Testamento, em sua totalidade, um documento puramente histórico. Mas, sobre uma base histórica real e autêntica, os autores neotestamentários oferecem sua interpretação de fé dos fatos históricos-transcendentes que marcam a vida, morte e ressurreição de Jesus (BINGEMER, 2005:21).

O holandês Rochus Zuurmond, professor de Teologia Bíblica na Universidade Livre de Amsterdam, é mais categórico:

O que os evangelhos trazem certamente não é uma biografia de Jesus, e mesmo da antiga Vita apenas alguns elementos formais foram adotados. À pergunta, pois, se os evangelhos podem ser usados como fonte para uma descrição da vida de Jesus, a resposta deverá ser negativa (ZUURMOND, 1998: 70).

¹² Por exemplo: Geza Vermes e David Flusser, ambos de origem judaica.

John P. Meier afirma que “os evangelhos não são essencialmente obras de história, no sentido moderno da palavra”, e diz que não era a intenção dos evangelistas proporcionarem...

...uma narrativa completa ou mesmo um sumário da vida de Jesus. Marcos e João apresentam o Jesus adulto iniciando seu ministério, que não durou mais do que alguns poucos anos. Mateus e Lucas dão, como introdução ao ministério público, dois capítulos de narrativas da infância de Jesus, cuja historicidade é muito discutida (MEIER, 1993: 50).

E conclui:

De imediato, reconhecemos a impossibilidade de escrever uma biografia (no sentido moderno) de um homem que morreu na casa dos trinta anos e de quem conhecemos, no máximo, acontecimentos em três ou quatro anos de sua vida (MEIER, 1993: 50).

F. F. Bruce, importante teólogo protestante, concorda que, ao menos no sentido moderno, os evangelhos não podem ser considerados biografias devido ao seu conteúdo estar centralizado apenas no período de seu ministério, isto é, nos seus últimos anos de vida. Ele diz que:

Esses quatro documentos (os evangelhos) relatam ditos e feitos de Cristo; entretanto, mal se podem designar de biografias no moderno sentido do termo, de vez que tratam quase que exclusivamente dos últimos dois ou três anos da vida de Jesus Cristo e dedicam espaço que pode parecer de todo desproporcional à semana que Lhe precedeu imediatamente à morte. Não têm o propósito de ser havidos como Vida de Cristo; antes, visam apenas a apresentar de diferentes pontos de vista e originalmente para públicos diferentes as Boas Novas a respeito do Senhor Jesus (BRUCE, 1990: 15).

James H. Charlesworth, professor titular de Língua e Literatura do Novo Testamento, também declara:

Na realidade, duzentos anos de consenso entre os especialistas no Novo Testamento reside em que uma biografia de Jesus é, e será sempre, impossível. São apenas escassas nossas fontes quanto à vida de Jesus. Os evangelistas não estão primariamente interessados em Jesus como uma pessoa do passado (CHARLESWORTH, 1992: 28).

O *Novo Dicionário de Teologia*, ao se referir mais especificamente a Lucas e seu evangelho, defende que:

(Lucas) não tencionava escrever um tratado histórico ou uma biografia no sentido ordinário do termo. Na qualidade de fiel companheiro do grande apóstolo missionário, Paulo, sua fé religiosa era para ele uma questão de vida ou morte. Seu evangelho, de conformidade com isso, não tinha a intenção de ser um tratado formal e histórico, e de forma alguma era o resultado de especulações filosóficas ou o produto impessoal de seus estudos (DOUGLAS, 1995: 964).

Geza Vermes, um dos grandes eruditos contemporâneos que pesquisam sobre o Jesus Histórico, discorda das opiniões anteriores. Ao comentar uma citação de Bultmann quanto ao desinteresse biográfico dos evangelistas diz:

Se os evangelistas tivessem pretendido relatar, como afirmam Bultmann e seus seguidores, não a vida, as ideias e as aspirações de Jesus, mas a mensagem doutrinária correspondente às necessidades espirituais e organizacionais da igreja primitiva, teriam sido mais bem orientados se adotassem a forma literária mais adequada de cartas, panfletos ou sermões, em vez de escrever uma falsa biografia (VERMES, 2006: 178).

Josh McDowell é mais otimista, defende veementemente, em sua obra *Evidências que Exige um Veredicto*, no segundo volume, que os evangelistas tiveram como objetivo escrever uma *Vita* de Jesus. Seu posicionamento quanto a isso é visto em sua citação de Stanley N. Grundry:

Os críticos de forma precisam lançar no descrédito o livro de Atos e o prólogo lucano, se quiserem falar com seriedade, ao dizerem que a igreja primitiva não tinha qualquer interesse biográfico (GRUNDRY, 1966, apud: MCDOWELL, 2001: 370).

David Flusser, também muito otimista, em seu livro *Jesus*, ao falar do seu propósito central no capítulo 1, intitulado *Fontes*, diz que "O objetivo principal deste livro é mostrar que é possível escrever a história de Jesus." (FLUSSER, 2002: 31). Um fato interessante é a sua opinião de que o Evangelho de João é o menos histórico dos quatro evangelhos, enquanto aponta o evangelho de *Lucas* como o que possui maior valor histórico. (FLUSSER, 2002: 32).

Verifica-se que a discussão ainda está em voga, e continuam a se avolumar os trabalhos sobre o tema. Apesar das opiniões díspares é preciso reconhecer que todas elas trouxeram algum elemento que enriqueceu o tema.

Bibliografia:

A) Documentos textuais

ORÍGENES. **Contra Celso**. Tradução de Orlando dos Reis. São Paulo: Paulus, 2004.
EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. Tradução de Lucy Iamakami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

B) Obras de referência

DOUGLAS, J. D. (org.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2000. T. 1.

C) Obras gerais

ENGELS, Friedrich. **O Cristianismo Primitivo**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** Quem mudou a Bíblia e por quê. São Paulo: Prestígio, 2006.
PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
SCHWEITZER, Albert. **A Busca do Jesus Histórico**. São Paulo: Novo Século, 2003.
THEISSEN, Gerd. MERZ, Annette. **O Jesus Histórico: Um Manual**. São Paulo: Loyola, 2002.
RENAN, Ernest. **Vida de Jesus**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
CARLSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
MEIER, John P. **Um Judeu Marginal: Repensando o Jesus Histórico**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
VERMES, Geza. **As Várias Faces de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
MACK, Burton L. **O Evangelho Perdido: O Livro de Q e as origens cristãs**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
BRUCE, F. F. **Merece Confiança o Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1990.
BULTMANN, Karl Rudolf. **Jesus**. São Paulo: Teológica, 2005.

CORNELLI, Gabriele. Metodologia e Resultados Atuais da Busca Pelo Jesus Histórico. In: CHEVITARESE, André Leonardo et al (Orgs.). **Jesus de Nazaré: Uma Outra História**. São Paulo: Annablume, 2006.

CROSSAN, John Domenic. **Quem Matou Jesus?** As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BINGEMER, M. C. L.. **O Messianismo Cristão**: Um segredo ainda não totalmente revelado. In: FUKS, Saul (Org.). **Tribunal da História**: Julgando as Controvérsias da História Judaica. Rio de Janeiro: Relume, 2005. P. 17-36.

ZUURMOND, Rochus. **Procurais o Jesus Histórico?** São Paulo: Loyola, 1998.

CHARLESWORTH, James H. **Jesus dentro do judaísmo**: novas revelações a partir de estimulantes descobertas arqueológicas. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FLUSSER, David. **Jesus**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MCDOWELL, Josh. **Evidência Que Exige um Veredito**. Evidência Histórica da Fé Cristã. São Paulo: Candeia, 2001. V. 2.